

## WHATSAPP COMO CAMPO DE BATALHA: REFLEXÕES ÉTICO-METODOLÓGICAS A PARTIR DE UMA ETNOGRAFIA EM GRUPOS DE ORAÇÃO EVANGÉLICOS

DOI  
10.11606/issn.2525-3123.  
gis.2024.216670

DOSSIÊ: "ETNOGRAFIAS AO TOQUE DE TELA - EXPLORANDO MÉTODOS, ÉTICAS E CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICOS COM SMARTPHONES"

**LORENA MOCHEL**

ORCID  
<https://orcid.org/0000-0002-0248-0322>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 23890-000 - coord.ppgcs.ufrj@gmail.com

### RESUMO

Como a pesquisa antropológica pode ajudar a compreender efeitos da centralidade dos usos de mídias digitais no cotidiano religioso? Distanciando-me de aparentes e errôneas oposições entre tradicional e moderno que perguntas como esta frequentemente enunciam, investiguei modos nos quais os usos de *smartphones* se configuram como "campos de batalha" para orar, pregar, contar testemunhos, estabelecer intimidades com Deus e vencer demônios. Através de uma etnografia em "grupos de oração" compostos por mulheres evangélicas, reflito neste artigo sobre minha posicionalidade em um trabalho de campo realizado em circuitos de copresença que incluiu igrejas, lares e dois grupos de WhatsApp liderados por um casal de pastores pentecostais. Ao explorar os sentidos ambivalentes nos usos religiosos dos celulares, aponto para dinâmicas interseccionais que tornam o WhatsApp dispositivo

**PALAVRAS-CHAVE:**

WhatsApp;  
Evangélicos;  
Etnografia digital;  
Smartphones;  
Interseccionalidade.

**KEYWORDS:**

WhatsApp;  
Evangelicals;  
Digital  
ethnography;  
Smartphones;  
Intersectionality.

religioso central para carreiras pastorais não-institucionalizadas e exercício coletivo da fé evangélica.

**ABSTRACT**

How can anthropological research help to understand the effects of the centrality of the use of digital media in everyday religious life? Distancing myself from apparent and erroneous oppositions between traditional and modern that questions like this often raise, I investigated ways in which the use of smartphones is configured as “battlefields” for praying, preaching, sharing testimonies, establishing intimacy with God and overcoming demons. Considering ethnography in “prayer groups” composed of evangelical women, I reflect in this article on my positionality in fieldwork carried out in co-presence circuits that included churches, homes and two WhatsApp groups led by a Pentecostal Pastors’ couple. By exploring the ambivalent meanings in the religious uses of cell phones, I point to intersectional dynamics that make WhatsApp a central religious device for non-institutionalized pastoral careers and the collective exercise of evangelical faith.

Todos os dias, mensagens de texto e de áudio, emojis, figurinhas, gifs, vídeos e fotos enviados por quem pede orações e destinados a quem precisa ser alcançado pela força de milagres divinos, são enviados nos chamados “grupos de oração” evangélicos. Acompanhar o cotidiano através de uma etnografia realizada em dois destes grupos, ambos exclusivamente formados por mulheres, possibilitou compreender o lugar central do envio de mensagens de voz e compartilhamento de imagens como tecnologias de aperfeiçoamento da virtude religiosa, além de transformações em rituais de orações e outras práticas às quais elas se vinculam, como os jejuns e testemunhos de vitórias alcançadas através da participação em uma rotina de “campanhas” evangélicas.

Os áudios do “zap”<sup>1</sup>, mensagens de voz aqui especialmente enviadas nas madrugadas, fornecem novos sentidos ao cotidiano de orações, pregações e testemunhos compartilhados diariamente nos grupos. Os áudios operam, assim, como tradutores de linguagens de outras mídias, similarmente ao que fez o rádio com a televisão ao acompanhar o ritmo doméstico das donas de casa. Esta relação entre as transformações do rádio em experiências de espaço e tempo feminino nas camadas populares brasileiras foi indicada por Almeida (2003) para compreender como as mediações das mídias foram responsáveis pelo fortalecimento da combinação entre gênero e domesticidade.

Os usos de mídias sociais surgidas após os anos 2000, tais como plataformas e aplicativos móveis que abrangem a chegada da chamada web 2.0 (BOYD,

<sup>1</sup> “Zap” é um dos termos pelos quais o aplicativo foi popularmente batizado em nosso país.

2014), vem erigindo transformações históricas e contextuais àquilo que se considera público e privado. Com variadas formas de viver e agenciar a domesticidade, mulheres evangélicas estão se engajando eticamente em grupos de oração no WhatsApp, esgarçando limites estabelecidos para as institucionalidades, concedendo espaços para pertencimentos evangélicos diversos. Enquanto “campo de batalha”, termo êmico que expressa lutas espirituais entre Deus e o Diabo, os smartphones são vastamente presentes no modo como evangélicos (neo)pentecostais<sup>2</sup> atuam no mundo através de metáforas que presentificam a dinâmica bélica da guerra sobrenatural e seus efeitos na vida cotidiana destes sujeitos.

O uso do termo “campo de batalha” enquanto forma de construir ação política no mundo ganhou relevância significativa nos estudos feministas, fazendo referência mais frequentemente aos usos do corpo como efeito e produto atravessado pelo gênero e outros marcadores na vida cotidiana. Neste trabalho, resalto como mulheres evangélicas têm produzido campos de batalha através de outras materialidades que mediam a interação com seus corpos. Longe de ser uma característica específica às interações nos grupos observados, variadas pesquisas (FONSECA, A.; DIAS, 2021) e debates no espaço público, ocorridos principalmente no contexto eleitoral, têm mostrado como evangélicos(as) tem feito uso expressivo do WhatsApp no Brasil em comunicações que ocorrem principalmente através do recurso de agrupar contatos disponibilizado pelo aplicativo.

Considerar o WhatsApp enquanto campo de pesquisa possibilitou identificar a política institucional e partidária como um dos âmbitos que atravessa o cotidiano da guerra espiritual nos grupos de oração, mas não o único. Combinando-se às dimensões de copresença entre online e offline, os grupos são ambientes digitais que vem produzindo disputas políticas que não se restringem ao voto. Para além das importantes análises sobre a circulação de desinformação e notícias falsas, indiquei maneiras como os usos dos grupos por mulheres evangélicas para compartilhar testemunhos e fazer pregações e orações coletivas rompem com noções estabelecidas sobre o que é uma igreja, produzindo novos sentidos e formatos sobre o que significa ser evangélica hoje.

Apresento ao longo do presente texto reflexões sobre condutas éticas e processos metodológicos adotados a partir de uma etnografia em dois grupos de WhatsApp, nos quais participei como pesquisadora entre 2017 e 2022. O trabalho é fruto de um recorte em minha tese de doutorado

2 Os parênteses fazem referência ao modo relacional como utilizei os termos pentecostais e neopentecostais ao longo da pesquisa para situar as igrejas pelas quais circulei e os pertencimentos religiosos das interlocutoras. Para além de delimitações institucionais sugeridas para compreender estes movimentos e suas denominações, esta escolha se justifica por meu próprio ponto de partida na pesquisa não terem sido as igrejas, mas a circulação entre projetos e missões (MACHADO, 2013) que, muitas vezes, não estavam institucionalizados.

(MOCHEL, 2023a), cuja proposta mais ampla foi refletir sobre como o WhatsApp vem reconfigurando o cotidiano político-espiritual de mulheres pentecostais a partir de articulações desta mídia com raça, gênero e erotismos. Os usos de múltiplas interfaces deste aplicativo e suas funcionalidades foram analisados a partir de uma pesquisa que envolveu tanto eventos para mulheres, nomeados como Chás e Conferências e realizados em seus lares e igrejas, como suas orações, testemunhos, pregações e outras práticas compartilhadas nos grupos de oração.

Ao longo do período em que esta pesquisa foi realizada intercalando momentos presenciais e online, convivi com uma rede de cerca de 150 mulheres, presentes em dois grupos de oração no WhatsApp. Todos eram intitulados de forma homônima: “Mulheres Virtuosas”<sup>3</sup>. Através de observações participantes em cultos e visitas realizadas tanto em igrejas como em seus lares, convivi de modo mais próximo com um casal de pastores que gerenciava estes e outros inúmeros grupos com o mesmo nome, além de suas “filhas na fé”, modo como chamavam suas seguidoras mais frequentes, cuja quantidade variou de acordo com as mudanças que ocorreram ao longo do período em que a etnografia foi realizada.

As seguidoras do casal com quem convivi habitavam a faixa entre 30 e 60 anos, eram moradoras de favelas e subúrbios dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, congregando em diferentes igrejas pentecostais nestes locais. Havia também aquelas que receberam a alcunha de “desviadas”, termo que identifica alguém que parou de frequentar uma igreja evangélica. Com o passar do tempo, também conheci imigrantes brasileiras na Itália e na Espanha, locais para os quais a pastora e principal liderança havia viajado com financiamento de integrantes dos grupos.

Compartilhei com as interlocutoras a organização de diversos eventos, materiais de divulgação e gestão de mídias sociais do casal de lideranças dos grupos Mulheres Virtuosas, cuja nomeação também flutuava em diferentes situações para termos como Projeto e Ministério. Estabeleci, assim, uma relação em que os desafios de não ser uma pesquisadora evangélica nesse contexto foi se transformando em uma relação de colaboração mútua, tornando-me mais uma a “trabalhar pra Jesus”, como constantemente indicavam. Guiar minha entrada no trabalho de campo por negociações que envolveram tanto pertencimentos religiosos como o fato de não ser vista em casal com um homem, ter idade significativamente inferior àquelas com quem mais convivi e me apresentar como uma pesquisadora feminista, gerou desafios que busquei contornar nas interlocuções teórico metodológicas desta pesquisa.

<sup>3</sup> Todos os nomes de pessoas, grupos e instituições aqui utilizados são fictícios.

## WHATSAPP COMO CAMPO DA PESQUISA

As escolhas analíticas que explorei neste trabalho tiveram como premissa básica as transformações causadas pela portabilidade adquirida após os usos da tecnologia móvel dos celulares. As funcionalidades de conexão e facilidades em consumos de pacotes com redes sociais como WhatsApp e Facebook<sup>4</sup> por diversas empresas de telefonia brasileiras indicaram aprofundamentos formadores do contexto em que esta pesquisa se inseriu enquanto efeito do “uso dos smartphones simbioticamente associado à popularização das redes sociais” (LINS, 2019, p. 58).

Em mais de uma década desde seu surgimento, o WhatsApp tem estimulado importantes reflexões enquanto fenômeno comunicacional no cotidiano brasileiro. Sua presença generalizada é numericamente a mais extensiva em países da América Latina (LATINOBARÓMETRO, 2018) quando comparada a outras mídias sociais, indicando uma inserção que ocorre em diferentes âmbitos da vida coletiva. A gestão de um cotidiano com interações personalizadas, cujos objetivos são flexíveis ao espaço e tempo dos usuários, consolida novas dinâmicas afetivas que tem suscitado intensos debates a respeito dos efeitos da plataformização e seus enviesamentos nos fluxos informacionais.

De maneira mais central, tais debates sociais vêm sendo alavancados por reflexões sobre tipos e formatos de sociabilidades promovidos em grupos de WhatsApp. A funcionalidade dos grandes grupos, recentemente expandidos pela plataforma através do recurso “Comunidades”<sup>5</sup>, permite a criação de ambientes que diversificam as redes de contatos de suas/seus usuáries(os), assemelhando o aplicativo às características de sociabilidade mais alargadas já presentes em outras mídias sociais, ao mesmo tempo em que busca manter atributos íntimos destas interações. Os efeitos deste “caráter híbrido” do WhatsApp (CESARINO, 2020b) tem sido compreendidos como responsáveis por viradas políticas no cenário eleitoral brasileiro, constituindo padrões discursivos formadores da infraestrutura do “populismo digital” (CESARINO, 2020a).

Longe de serem exclusivas ao cenário eleitoral, as repercussões dos usos de listas de transmissão, contato pessoa a pessoa ou nos grupos de WhatsApp na vida cotidiana, possibilitaram a criação de arranjos e disputas para

<sup>4</sup> Para efeitos comparativos, dados divulgados pela pesquisa eleitoral BTG/FSB (*apud* RAMOS et.al., 2023) indicaram o Facebook como a principal rede social utilizada para receber informações sobre temas político-eleitorais (36%), seguido do WhatsApp e do Instagram (ambos com 35%). Agradeço a contribuição generosa dos pareceristas anônimos para o aperfeiçoamento desta informação, além do texto como um todo.

<sup>5</sup> O WhatsApp Comunidades permite a criação de grupos com até 5 mil membros e surge no Brasil após uma negociação com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pelo adiamento de sua liberação em 2022. Na ocasião, o aumento do número de participantes no recurso dos grupos de 256 para 512 participantes também foi postergado, sendo disponibilizado junto ao Comunidades logo após o período eleitoral ocorrido naquele ano.

noções de política que extrapolam o voto. Nesse contexto, tais escolhas dividem espaço com mudanças no âmbito das relações familiares, modelos de conjugalidade, no campo do trabalho e outras sociabilidades engajadas pelo “zap”. Analisar estes diferentes “campos discursivos de ação” (ALVAREZ, 2014) que tem se consolidado através do recurso tecnológico dos grupos fez parte de um trabalho etnográfico em que dinâmicas religiosas estiveram articuladas com marcadores de gênero, sexualidade, classe, raça e geração, configurando um campo evangélico brasileiro que vem transformando e sendo transformado por relações estabelecidas através dos usos desta mídia digital.

Meu principal argumento posiciona o WhatsApp ao lado de outros dispositivos centrais para a consolidação de um cotidiano religioso para além das igrejas. Em busca equilíbrios nas tensões entre modelos congregacionais públicos e domésticos, os grupos de oração no “zap” visibilizam reconfigurações que produzem outros títulos, tais como Projetos e Ministérios. Nesta configuração não-institucionalizada estão reunidas mulheres evangélicas de diferentes denominações, ampliando modelos alternativos para carreiras pastorais femininas ou, ainda, expandindo exercícios de autoridade religiosa para quem não ocupa espaços de prestígio formalizados por uma vinculação institucional. Junto aos eventos públicos realizados nas igrejas e outros espaços de sociabilidade comuns nas reuniões pentecostais, como garagens, lajes e salas de estar onde ocorrem eventos nomeados como “Chás de Mulheres Virtuosas”, os grupos de oração no WhatsApp tem mobilizado novas dinâmicas de trabalho e renda e formado coletividades desafiadoras aos debates sobre a presença religiosa em ambientes digitais.

Acompanhei ao longo do trabalho de campo um grupo/ Projeto/ Ministério<sup>6</sup> que apresenta desdobramentos destas múltiplas frentes de atuação conformadas no campo pentecostal contemporâneo. Com a liderança dividida entre um casal de pastores negros na faixa dos 40 anos, Cristiane e Bruno foram interlocutores centrais para me apresentar ao WhatsApp como campo central desta pesquisa. Ambos prestavam trabalho voluntário como pastores em uma grande denominação com variadas filiais no Brasil, oferecendo assistência aos pastores considerados “oficiais” de filiais localizadas no centro e zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Sem receber nenhum tipo de ressarcimento material por seus trabalhos nesta igreja, desenvolveram seu Projeto/ Ministério de modo paralelo a esta atuação e por meio de vínculos com fiéis que frequentavam esporadicamente a denominação.

<sup>6</sup> O uso de letras maiúsculas nos termos Ministério e Projeto denota hierarquias de valoração adotadas pelas(os) interlocutores em relação a outros termos recorrentes, tais como grupo, grupo de “zap”, grupo de mulheres, grupo das virtuosas, entre outros.

A ideia de criar um grupo de “zap” para atender ao pedido de mulheres direcionados à pastora foi o primeiro passo para o exercício do que o casal nomeou enquanto seu “chamado com as mulheres”<sup>7</sup>. Nos diversos grupos de oração “Mulheres Virtuosas”, não havia homens e a participação do pastor era mais reservada. A tríade em que destacava suas qualidades como “mães, esposas e empresárias” compunha tanto o cotidiano nos grupos de oração como os eventos presenciais, majoritariamente realizados na mesma igreja em que o casal de pastores atuava como voluntários, uma grande denominação pentecostal com sede em São Paulo e filiais em outros estados. Relacionar a trajetória de conversão e circulação online e offline dos pastores, que não ganhavam nenhum tipo de salário da “obra” que desempenhavam na igreja em que eram voluntários, com a das mulheres que os seguiam nos grupos e eventos, foram fundamentais para compreender como as relações estabelecidas em um Ministério se tornam novas institucionalidades através dos usos do WhatsApp.

Embora seu sentido dicionarizado transite de domínio da gestão pública ao sinônimo de igreja, Ministério é um termo que pode ser definido para além da congregação enquanto espaço físico. No contexto evangélico pentecostal, Ministério pode se referir às divisões entre grupos responsáveis por um trabalho religioso no espaço da igreja (mulheres, jovens, música, dança etc.), à relação entre sede e filial ou, ainda, para identificar um projeto ou missão pessoal ao qual alguém se dedica, geralmente envolvendo o nome de uma liderança religiosa ou de sua ação missionária (MACHADO, 2020).

Assim como já ocorreu em outras modalidades de agrupamentos missionários evangélicos que exploraram usos contestatórios de novas mídias a partir dos anos 1960, ser um Ministério pode não somente estar desvinculado de uma única igreja. Tal modelo pode também articular muitas delas ou sobreviver como Projeto sem uma vinculação institucional. A circulação de missões independentes como as organizações paraeclesiais<sup>8</sup>, por exemplo, inspirou expansões para variados tamanhos e personagens através de adesões com atores e espaços associados ao campo secular.

Seja em atuações independentes ou vinculadas às grandes denominações, modelos brasileiros que dialogam com características destes Projetos têm destacado frentes musicais que se combinam a posições de liderança exercidas por mulheres. É, portanto, através da expansão do cenário da música gospel e seu formato de adesão interdenominacional que o

<sup>7</sup> Expressões êmicas ouvidas no trabalho de campo serão utilizadas entre aspas ao longo do texto.

<sup>8</sup> Os projetos paraeclesíasticos foram organizados como crítica elaborada pela juventude evangélica. Sua proposta serviu para contestar a rigidez doutrinária relacionada à música e usos de instrumentos musicais nos protestantismos. Sobre isso, ver Cunha (2007).

público feminino ganha espaços exclusivos de congregação, consolidando os usos das mídias e a organização de eventos públicos voltados para mulheres como bases para o desenvolvimento de uma agenda feminina dos Ministérios (neo)pentecostais.

Segundo Raquel Sant'ana (2017), a combinação entre usos de mídias e experiências em eventos tem formado repertórios contemporâneos característicos de uma “imaginação evangélica” no Brasil que busca se legitimar para instituir narrativas de coesão nacional no espaço público. De mediadoras historicamente centrais na conversão familiar (BIRMAN, 1996), as mulheres evangélicas brasileiras têm liderado circuitos em que articulações entre gênero, raça, classe e geração define agenciamentos, paradoxos e limitações. Com pregações sobre temáticas que envolvem tópicos relacionados à “vida sentimental”, como amor e casamento, estas lideranças vêm conduzindo o pentecostalismo brasileiro principalmente através de contextos transnacionais do Sul global (VAN DE KAMP, 2012).

Em paralelo aos pastorados exercidos em grandes denominações, a emergência de carreiras informais de lideranças no pentecostalismo também tem conformado outros distintos modelos de Ministério. Exemplos como o de pregadores mendicantes, descritos por Mariana Côrtes (2017) são característicos de “posições bastardas” exercidas pelo precarizado mercado religioso das pregações. O crescimento da atuação de Ministérios inspirados em megaprojetos vem diversificando suas frentes e mobilizando aspirantes ao pastorado pentecostal que podem tanto protagonizar frentes institucionalizadas quanto circular nestes projetos autônomos. Seus/suas agentes, por sua vez, desenvolvem funções muitas vezes consideradas secundárias quando os efeitos de autoridade são exercidos por escrituras, regulamentações e burocracias que materializam a união com o Estado (DAS; POOLE, 2004).

Por meio da criação de Ministérios, categoria polissêmica que expressa o caráter ambivalente destas institucionalidades, as dinâmicas evangélicas no WhatsApp orientadas por articulações interseccionais aperfeiçoam possibilidades iniciadas pelos modos como os protestantismos estabeleceram suas próprias relações com o divino. Segundo Mafra (2013), interpretações da Bíblia sem intermediadores físicos, proliferação de dinâmicas de segmentaridade e configurações institucionais descentralizadas consolidaram variados modelos congregacionais que se transformaram ainda mais com a ascensão dos movimentos pentecostais no Brasil. Suas afinidades com mídias como a televisão e o rádio ajudaram a formular explicações sobre o crescimento evangélico, cujos argumentos pautaram a centralidade das relações com as mídias para o estabelecimento de rupturas com a identidade nacional católica (SANCHIS, 1994).

As diferentes circulações para o termo Ministério no contexto evangélico pentecostal permitiram explorar modos como esta categoria vem repercutindo estas rupturas e estabelecendo continuidades com ações missionárias decorrentes do encontro com as mídias sociais. Os agenciamentos que mulheres evangélicas realizam na vida ordinária, nesse sentido, tornam seus smartphones “campos de batalha” para expulsar demônios e se aproximar de Deus em guerras espirituais vivenciadas de seus “quartinhos” e “cantinhos” de oração, do transporte público, do banheiro do trabalho e tantos outros espaços nos quais estes usos de dispositivos móveis assim o permitem.

Por outro lado, os usos do WhatsApp e sua viabilidade para coletivizar Ministérios têm modificado não somente modos de exercer a fé pentecostal, mas também tem ressignificado exercícios da autoridade religiosa. Como indiquei anteriormente, vínculos evangélicos institucionalmente mais frouxos e instáveis são agenciados nas intimidades dos usos dos smartphones, através de financiamentos esporádicos, concedidos por graças alcançadas no grupo através de intercessões espirituais realizadas pelo casal de pastores. Através de trajetórias não-institucionalizadas no pentecostalismo, Bruno e Cristiane realizavam agenciamentos que não seriam autorizados aos(às) pastores e pastoras formalmente vinculados a uma igreja, negociando riscos de administrar um Projeto/Ministério interdenominacional no WhatsApp.

## **POSICIONALIDADE E CONDUÇÕES DA PRESENÇA NOS GRUPOS DE “ZAP”**

Um dos principais cuidados éticos que vêm sendo destacados por diferentes pesquisadoras(es) do campo de estudos sobre a internet tem sido a atenção para experiências distintas na construção de conceitos como privacidade e consentimento (BOYD; CRAWFORD, 2011). Mais do que seguir ou propor diretrizes universais, os cuidados adicionais em torno das questões éticas envolvidas com dados e significados associados a estes conceitos dizem respeito ao que Markham e Baym (2009, p. xviii, tradução minha) indicaram como um “tratamento ético indutivo”<sup>9</sup>, sensíveis tanto ao contexto quanto fundamentados na especificidade que cada projeto pode apresentar como contribuição mais geral às pesquisas realizadas na internet. As reflexões provocadas por uma etnografia em grupos de WhatsApp indicaram, invariavelmente, para questões que abrangem mutuamente estes aspectos: se de um lado, há os cuidados éticos na pesquisa, do outro, também deve haver reinvenções constantes nos esforços metodológicos adotados junto às interlocutoras.

<sup>9</sup> No original, em inglês: “ethical treatment of human subjects is inductive and context-sensitive”.

No decorrer da etnografia, compreendi que um dos formatos de interação mais utilizados nesse contexto, a troca de mensagens de voz por meio do WhatsApp, poderia se mostrar ferramenta útil não só para construir vínculos na observação participante, mas também para a realização de entrevistas. “Mandar áudios”, como preferiam nomear esta prática, era “condição de socialidade” (MILLER, 2021, p. 4) a partir da qual aprendi a agregar como parte de outros métodos que já vinha empregando. Assim, realizei muitas entrevistas em que uma lista de perguntas era previamente enviada para que me respondessem por áudio, o que se demonstrou mais eficaz do que entrevistas com horários previamente marcados através de chamadas de voz ou de vídeo – amplamente utilizadas em fases mais restritas do isolamento social ocasionado pela pandemia do novo coronavírus.

A liberdade em escolher horários que estivessem mais à vontade para gravar a mensagem, por exemplo, tornou este processo produtivo entre aquelas que expressavam vergonha ou receio de falar sobre assuntos como sexualidade, violências e conflitos familiares. Por outro lado, a convivência online nos grupos implicou na adoção de outros engajamentos. Em atenção aos próprios aos códigos compartilhados entre as interlocutoras nas interações nos grupos de oração, busquei distanciar minha participação nestes espaços da imagem de alguém que “só observa”.



**FIGURA 1.**  
Envio de participante em um dos grupos de oração pesquisados, autoria desconhecida.  
Data da coleta: 14/12/2018.

Conduzi minha presença online em diálogo com continuidades estabelecidas nas dinâmicas em que eu já estava envolvida fora dos grupos de WhatsApp. Se inicialmente elas estavam relacionadas à organização dos eventos, tais como distribuição de vagas em vans, caronas e resoluções sobre itens alimentícios, decorativos e brindes, com o passar do tempo pude adaptar estas imersões aos formatos coletivamente

compartilhados no aplicativo. Na medida em que os grupos de WhatsApp constituíam importante modo de divulgação para uma intensa produção midiática relacionada aos cultos, minha atuação online abrangia majoritariamente registros audiovisuais que fazia destes momentos, além do compartilhamento de flyers e da edição de vídeos. Entre estes, optava por abordar conteúdos relacionados à trajetória do Ministério e circular pregações da pastora publicadas em outros aplicativos, como o YouTube e TikTok. Minha participação contava, ainda, com interações online mais pontuais, como felicitações em datas comemorativas, divulgação de oportunidades de emprego e outras situações que envolveram doações em catástrofes climáticas ou decorrentes de violências ocorridas entre as mulheres e seus familiares.

Em contrapartida, optei por não participar do cotidiano religioso de orações, jejuns e testemunhos, conteúdos que contavam com maior engajamento no grupo. Nas ocasiões que envolviam campanhas e pedidos de oração, por exemplo, limitei-me a reações breves que incluíam a repetição de emojis como os de coração, mãos juntas (🙏) e mãos para o alto (🙌). Além destas interdições, evitei compartilhar conteúdos classificados como “falar de política” pelas interlocutoras, embora estes fossem alvo de diálogos fora do grupo entre mim e aquelas com quem tinha mais proximidade. Na medida em que pude construir relações interpretadas por muitas delas como semelhantes às de alguém que “trabalha pra Jesus”, conforme cito anteriormente neste artigo, tanto meu engajamento através das mídias como as escolhas por não participar orando e contando testemunhos nas dinâmicas das campanhas de oração trouxeram diferenciais que incorreram ora em limitações, ora aproximações. Tais tensionamentos, todavia, não envolvem somente pesquisas online, mas se mostram comuns à própria convivência etnográfica de modo mais geral.

Noutro plano das negociações ético-metodológicas, busquei compreender que noções eram atribuídas nos grupos de WhatsApp aos sentidos de consentimento, bem como às aproximações e distanciamentos feitos pelas interlocutoras para aquilo que consideravam público ou privado. Diferente dos usos privados de mídias sociais, em que uma pessoa conversa diretamente com outra, a funcionalidade dos grupos era interpretada pelas interlocutoras de modo análogo aos usos que faziam de outras mídias como o Facebook, indicando muitas vezes que havia duas formas de fazer parte do “grupo das virtuosas” para além dos eventos: no “feice” e no “zap”.

Em uma de suas análises sobre usos do Facebook, Daniel Miller (2012) se referiu ao “mural”, espaço em que as publicações também chamadas de “postagens” são realizadas pelos(as) usuários(as), enquanto um espaço “semipúblico”. Segundo o autor, por se tratar de um conteúdo que não exige uma interação direta, “postar” no mural não impõe o mesmo tipo de

demanda reservada às interações privadas, ocorridas quando enviamos uma mensagem direcionada a alguém ou realizamos uma ligação. Estes mecanismos desenvolvidos para a comunicação em grupo, tais como e-mails, fóruns especializados, salas de chat, entre outros, foram descritos posteriormente por Miller et al. (2016) como responsáveis por modificar a polarização entre público e privado nos espaços online.

Em diálogo com as leituras empreendidas pelo autor, compreendo os grupos de oração que acessei no WhatsApp como espaços semipúblicos. Compartilhar uma mensagem ou imagem nestes grupos habita a ordem de expectativas difusas, na medida em que pode estar tanto direcionada a alguém em específico que tenha sido indiretamente citado, quanto aguardar reações generalizadas dos(as) participantes. Ao mesmo tempo, o caráter semipúblico se refere às próprias formas de acessar o grupo, as quais não se davam somente entre mulheres conhecidas que haviam sido adicionadas a pedido de integrantes pela pastora. Havia, ainda, contatos de sua própria rede, além do acesso através dos links públicos compartilhados em diferentes redes sociais pelo casal.

Para além de simplesmente considerar o caráter semipúblico dos grupos de oração como arena livre para coletar dados sem realizar negociações individuais e coletivas, considere outras especificidades nestas reconfigurações das fronteiras entre público e privado realizadas a partir do WhatsApp. Na medida em que compartilhar conteúdos em grupos evangélicos (quase) exclusivamente habitados por mulheres constrói relações de confiança mediadas por valores vinculados a imaginários de gênero, raça e classe, estas reconfigurações também podem implicar, como vêm mostrando pesquisas que exploraram marcadores de gênero e sexualidade em contextos digitais (PELÚCIO, 2015; LINS, 2019), em diferentes graus de intimidade e consentimento vinculadas às relações de confiança construídas com as lideranças, com o grupo e com quem pesquisa.

Assim, por não ter estabelecido contato com todas as participantes dos grupos de WhatsApp, utilizo somente imagens e mensagens de voz compartilhadas por aquelas com quem pude realizar acordos a este respeito. Como venho argumentando, nossas aproximações foram estendidas desde o início à realização de entrevistas e/ou à convivência no trabalho de campo. Também tive como hábito aproveitar muitas ocasiões em que interagi no grupo para indicar que eu era pesquisadora, buscando elaborar formas de fazer com que esta não fosse uma informação fornecida de maneira mecânica e protocolar para as integrantes.

Para os conteúdos analisados, busquei tomar cuidados para não gravar capturas de tela que pudessem incorrer em quaisquer identificações

das participantes. Em relação às mensagens de texto, os cuidados se voltaram para não transcrever literalmente conteúdos que contavam com usos de hashtags<sup>10</sup>, os quais geram links indexáveis por buscadores online. Tais estratégias buscaram evitar o rastreamento de publicações por mecanismos de busca presentes em diferentes plataformas digitais<sup>11</sup>.

Ao longo dos anos, a frequência com que acompanhei os conteúdos dos grupos foi se modificando, estando mais concentrada para armazenar materiais nos primeiros dois anos da pesquisa. Neste período, que classifico como uma fase inicial exploratória, busquei maneiras de sistematizar os conteúdos utilizando um recurso disponibilizado pelo próprio aplicativo, o de “favoritar mensagem”, para salvar em meu celular aqueles que mais chamavam minha atenção. A montagem de quadros semanais ajudou a compreender recorrências através de registros que considerei prioritários: Quem são os(as) puxadores(as) de conversas? Quais eram os conteúdos mais compartilhados? Quais eram as regras explícitas e implícitas? Que diferenças podiam ser notadas em interações das integrantes entre si e aquelas que estabeleciam com as lideranças que administravam o grupo? Que tipos de conflitos eram mais recorrentes?

Estas perguntas orientaram a segunda fase da pesquisa nos grupos de WhatsApp, na qual analisei o material coletado. As recorrências verificadas semanalmente ajudaram a construir quadros baseados nas próprias dinâmicas dos grupos, as quais dividi entre quadros fixos e quadros temáticos. Enquanto os quadros fixos auxiliavam no reconhecimento de quais dinâmicas mais se repetiam em ocasiões lideradas pelo casal de pastores e introduzidas pelas participantes, com os quadros temáticos busquei descrever outras atividades habituais que tinham maior oscilação na rotina de compartilhamentos no grupo. Neste, acrescentei conteúdos relacionados à política institucional, conteúdos conspiratórios, anúncios de vagas de empregos, mensagens motivacionais, saudações de bom dia/tarde/noite, entre outros.

Preenchi ambos os enquadramentos com descrições de observações participantes em diferentes espaços, anexando vídeos, fotos, emojis, figurinhas e trechos de mensagens compartilhadas no mesmo período ou em ocasiões distintas. Com diferentes ordens de engajamento das interlocutoras, a escolha destes quadros seguiu critérios baseados em minha observação do que se destacava para uma análise através do

10 Caracterizadas pelo símbolo do jogo da velha (#), as *hashtags* têm como função agregar públicos nas redes sociais em torno de tópicos formados por uma ou mais palavras. Tais tópicos podem ganhar efeitos “virais”, como são chamados conteúdos que ganham grande repercussão, engajamento e visibilidade nas redes sociais.

11 Estes e outros cuidados com a rastreabilidade e segurança no armazenamento do material de campo foram compartilhados em minicurso *online* ministrado por Carolina Parreiras e Barbara Castro (2020) no âmbito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

WhatsApp, cujos fluxos se construíram entre práticas online e offline que se somavam às minhas circulações no trabalho de campo.

Para além de um enquadramento que aponte para mudanças realizadas por integrantes dos grupos ao longo do tempo ou preocupações com a linearidade dos períodos abordados, registrei hábitos cotidianos de compartilhar imagens e gravar mensagens de voz durante as orações. Além disso, a prática reiterada do casal de pastores de realizar pregações por mensagem de voz e as respostas de participantes com orações, propiciou refletir sobre experiências sensoriais envolvidas na escuta de áudios no WhatsApp<sup>12</sup>.

Data ou período	Atividade
<b>14 a 21 de junho de 2017</b>	<b>Campanha “três elementos”</b>
<p>A abertura da campanha às 00:30 é feita com uma mensagem de voz da pastora Cristiane, cuja duração de três minutos e meio explica como realizar a campanha diariamente nos próximos sete dias. No interior de uma garrafinha com os três elementos – água, azeite e suco de uva, com o suco de uva “representando o sangue do cordeiro” –, o nome de “alguém problemático” deve ser colocado para que o “Senhor visite esta pessoa” e possa desfazer a “feitiçaria que foi lançada contra ela”. Ao longo do período da campanha, o papel se dissolveria na garrafinha, “junto com os problemas”, enquanto o balanço da garrafa viria para “estremecer a estrutura da pessoa” e, assim, “abrir seus ouvidos” para a voz de Deus.</p> <p>Durante o período da campanha, a pastora compartilha a realização de orações com seu marido, o pastor Bruno. Ambos compartilham vídeos nos quais caminham segurando uma garrafa com o conteúdo dos “três elementos” por uma rua deserta de seu bairro, em diferentes horários da madrugada. Alguns destes vídeos diários, nomeados como “caminhada da fé”, trazem o pastor Bruno sozinho, noutros ele está na companhia da pastora. Ambos alternam estes chamados para orações com mensagens de texto, sempre no horário da madrugada.</p> <p>As respostas chegam instantaneamente, em mensagens de texto e áudio com orações. Uma delas canta um louvor. Há também muitos <i>emojis</i> de mãos em oração e labaredas de fogo, mensagens de texto com brados de “Glória a Deus”, “Aleluia”, este muitas vezes digitado repetidamente por uma participante. Registros de realizações síncronas das campanhas em fotos se dividem com rostos de familiares por quem participantes pedem por orações. Algumas orações chegam somente ao longo do dia, pela manhã e tarde. Outras indicam “orei, mas não poste”; “já fiz minha oração, mas não vou postar”.</p>	

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

<sup>12</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre as negociações realizadas por meio dos áudios, ver Mochel (2023b).

<b>Data ou período</b>	<b>Atividade</b>
<b>30 de abril de 2018</b>	<b>Campanha “Jeová Jiré”</b>
<p>Na abertura de mais uma campanha, a preparação é novamente narrada em áudio pela pastora. Durante todas as noites dos próximos quinze dias, um copo com água, roupas, documentos e um pedaço de pão devem ser “apresentados ao Senhor”. As roupas podem ser levadas para quem está em presídios ou hospitais, enquanto o pão deverá ser comido com a água após a oração, para que quem ora possa “abrir seus olhos”, “ter estratégia”, “ver Jesus”. Durante a campanha, a partilha destes elementos também deve ser feita entre familiares que precisam das orações. A água unguida pode ser adicionada ao cozimento de refeições, junto a pedaços do pão “esfarinhados” para serem oferecidos ao “filho que é viciado”, “ao marido que tá lá com a cabeça toda voltada para a amante”. Usar a fé para provocar milagres “é loucura”. “Tem que ser louco!”, diz a pastora. Esta interjeição traz a lembrança de que aquele seria um “ato profético”, termo repetido em diferentes momentos do áudio, com ênfase na palavra “ato”. “Ato profético é para quem crê. Se você não crê, apenas se une na oração”. Muitas fotos chegam com registros da campanha nos dias seguintes. Ao longo do dia, <i>selfies</i> de familiares surgem em momentos de lazer, em suas casas, em festas. São pedidos de oração prontamente atendidos por poucas, no máximo três, mulheres que respondem ao longo do dia.</p>	

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

A elaboração dos quadros permitiu conduzir qualitativamente os desafios relacionados a lidar com um espaço de intenso tráfego de dados. Embora a validade de critérios quantitativos e usos de softwares seja legítima para muitas pesquisas que vêm sendo conduzidas sobre o WhatsApp mais recentemente<sup>13</sup>, a adoção de uma pesquisa qualitativa feita de modo artesanal e permeada por constantes negociações com as interlocutoras permitiu explorar outros aspectos do debate ético-metodológico nas pesquisas no digital. Refletir sobre usos, funcionalidades e acordos relacionais através do WhatsApp apontou, ainda, para “a possibilidade de muitos experimentos e redefinições contextuais da etnografia” (PARREIRAS, 2015, p. 71), tensionando suas relações com a teoria antropológica.

As especificidades etnográficas de minha circulação no grupo geraram retornos imprevistos, resultantes de um projeto etnográfico crítico às concepções sobre o caráter perigoso do convívio com “religiosos inadequados” (HARDING, 1991, p. 316). Conforme argumentado até aqui, minha posicionalidade nas interações online e offline não fez desta uma etnografia com “outros repugnantes”, para utilizar mais um termo de Susan Harding (1991). Além de “trabalhar pra Jesus”, marcadores de gênero, raça e origem regional que compartilhamos também nos aproximavam

<sup>13</sup> Refiro-me aqui aos monitoramentos de conteúdos políticos nos grupos de WhatsApp e, mais recentemente, também no Telegram, que vêm sendo realizados por acadêmicos(as) e institutos de pesquisa que predominantemente utilizam a abordagem do tipo *espião*/*lurker*, conforme definiu Ferguson (2017).

e suspendiam, ao menos por alguns instantes, o fato de não dividirmos o pertencimento evangélico.

Chamar a atenção para as relações proporcionadas pela posicionalidade na pesquisa complexifica lugares produzidos por “ficções persuasivas” (STRATHERN, 2014) frequentemente adotadas em análises sociais sobre grupos evangélicos. A este respeito, Simon Coleman (2018) realiza um importante exercício de auto-objetivação para apostar na saída por diferentes posições éticas que, em vez de se oporem, sejam mutuamente produtivas:

Estou pedindo por um pouco mais de ironia em relação ao nosso próprio posicionamento. Como antropólogos, não devemos deixar que a seriedade e a severidade de nossas posições éticas nos impeçam de reconhecer as qualidades particulares da ironia e do lúdico nas práticas da Prosperidade. Zonas fronteiriças podem ser lugares difíceis, ainda que produtivos, para se habitar e para nos constituirmos (COLEMAN, 2018, p. 307).

## **SMARTPHONES E SEUS PÂNICOS MORAIS**

Pesquisar de modo multissituado (MARCUS, 1998) nos grupos de oração possibilitou a abertura de outras maneiras de conhecer as interlocutoras e fortalecer vínculos com quem eu já convivía noutros espaços. Mesmo que muitas daquelas que estavam nos grupos não comparecessem nestas ocasiões, sua presença nos grupos se tornou importante para que eu compreendesse o WhatsApp como espaço que gera modos de participação distintos do convívio presencial. Não havia opiniões monolíticas entre as integrantes dos grupos, e através delas emergiam controvérsias que não se apresentavam noutros contextos de nosso convívio cotidiano.

Refletir sobre os usos do celular como tecnologia fundamental para incrementar conexões com Deus destacou muitas de suas ambivalências como instrumento de evangelização pelas evangélicas. Ao mesmo tempo em que serve como suporte para a realização de práticas devocionais em que se ora junto, bênçãos para se tornar mais próximos de Deus, smartphones também frequentemente eram ilustrados como maldições nos grupos de mulheres onde convivi. Sua materialidade era apontada como parte de um conjunto mais amplo de tecnologias e coisas “do mundo” que levam à degradação, seguindo um caminho comum ao evangelismo protestante de disputas entre modernidade e tradição que orienta classificações historicamente atribuídas à problemática dos fetiches nos cristianismos<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Ver Latour (2002).

Em diferentes textos e memes<sup>15</sup> compartilhados nos grupos de WhatsApp, referências às mídias eram personificadas em pânicos morais, visibilizando seres demoníacos que destroem a família. Geralmente metamorfoseados em corpos femininos, televisões, celulares e tablets eram descritos como “encantadores”, associados à promiscuidade sexual junto a outros comportamentos e vícios mundanos. Destaco aqui dois de diversos exemplos publicados nos grupos a este respeito.

No primeiro, um texto assinado por “autor desconhecido” e intitulado “A amante” descreve a transformação de uma televisão na figura de uma mulher que não envelhece, seduzindo o “pai de família”. Este, por sua vez, se distancia da esposa e filhos, formando uma nova família que tem como filhos computadores, tablets e celulares. No segundo exemplo, compartilhado em momento posterior, uma ilustração mostra duas sequências em quadrinhos: de um lado, brincadeiras infantis coletivas contrastam com crianças jogando individualmente no celular; e, de outro, uma família reunida em volta de uma mesa de jantar substitui este mesmo grupo familiar no sofá, com cada membro manuseando individualmente seus celulares e sem interagir entre si.

A sedução atribuída ao feminino metamorfoseado em seres tecnológicos que evoca ameaças à família associa noções de gênero e sexualidade a modelos de conduta reprováveis em histórias popularmente conhecidas sobre os perigos das novas tecnologias à humanidade. Os modos como mulheres evangélicas experimentam inserções para a prática de sua fé nestes espaços estão em constante disputa com moralidades que não apenas inferiorizam o status destas tecnologias, mas também as demonizam. Ao mesmo tempo em que o uso do celular se torna inescapável, as moralidades em torno desta materialidade podem se apresentar conflitantes nesse contexto, com atravessamentos relativos também aos marcadores geracionais como importantes elementos da batalha espiritual travada contra as tecnologias midiáticas para a proteção da família.

Em paralelo à circulação destes conteúdos, as interlocutoras realizavam constantes negociações com o que poderia ser (ou se transformar em) demoníaco. Na pesquisa de Sandra Rubia da Silva (2015) sobre usos de celulares entre grupos de evangélicos, a materialidade dos smartphones também aparece como alvo de disciplinamentos para proporcionar usos mais compatíveis com seus princípios. Como a autora indica, nestes grupos circulavam permissões para que somente hinos e louvores gospel

<sup>15</sup> Memes são conteúdos imagéticos que estão associados à grande quantidade de compartilhamentos na web. Sua multiplicação através de variadas mídias sociais ganha significados conhecidos através do termo “viralização”. O vínculo com a replicação viral indica sua popularização online, na medida em que afirmar que algo ou alguém “virou meme” implica em considerar o nível massificado de alcance destes conteúdos.

funcionassem como toques nas chamadas. Semelhantemente, Juliano Spyer (2018) apontou que interlocutores(as) evangélicos de um povoado baiano que compôs sua pesquisa utilizam mídias sociais para disciplinamento da família e ascensão no trabalho, indicando modos como estas tecnologias podem ser frequentemente utilizadas para se protegerem de ameaças de “forças modernizadoras” e reforçar conservadorismos.

Os conteúdos armazenados no celular também estiveram envolvidos noutras formas de controle na pesquisa de Josiah Taru (2019) sobre usos de aplicativos móveis entre membros de um Ministério no Zimbábue, quando analisou estes disciplinamentos na fala de um jovem interlocutor que indicou não “misturar” em seu smartphone os aplicativos utilizados para fazer orações com vídeos e imagens pornográficas enviadas através de outros grupos. Estes modos de controle, segundo o autor, criam formas de governamentalidade (FOUCAULT, 2010) potencializados pelo olhar pastoral vigilante. Nas narrativas destes(as) fiéis, suas práticas são vigiadas tanto por Deus como pelas lideranças, que captariam espiritualmente desvios por meio da “unção” transmitida através dos aplicativos.

Assim, a necessidade de sair de grupos de WhatsApp em que nudes e pornografias eram trocadas poderia aparecer para os pastores em sonhos proféticos para denunciar o pecado cometido pelos(as) fiéis, criando “regimes disciplinares sutis” (TARU, 2019, p. 165, tradução minha) que lembram constantemente ao congregante jovem da onipresença de sua liderança. Sensações similares também foram descritas a respeito de envolvimento extra-maritais que poderiam ser descobertos da mesma maneira.

De modo distinto aos discursos sobre os perigos que as mídias causariam à família, também atentei para similaridades com regulações disciplinares nas práticas de boa convivência nos grupos de oração de mulheres. Ao longo de nossa convivência online, não notei nenhum comportamento que houvesse sido punido com alertas públicos<sup>16</sup> ou que tenha acarretado em expulsões de integrantes do grupo, mas interdições relacionadas ao compartilhamento de pornografia e de conteúdos formaram um texto que circulou no fim do ano de 2020 pela pastora Cristiane sobre boas práticas, intitulado como “regras do grupo”. Alternando um texto totalmente escrito em caixa alta, a liderança combinou diferentes emojis na cor vermelha que indicavam, além da proibição em “postar vídeos de violência e pornografia”, também a vedação a “falar mal de qualquer igreja e pastor”.

<sup>16</sup> Há uma exceção relacionada ao compartilhamento de conteúdos sobre política. Após os ataques às sedes dos três poderes recentemente ocorridos no dia 8 de janeiro em Brasília, a pastora Cristiane enviou uma mensagem de voz proibindo o compartilhamento de “opiniões políticas”. Apresento esta situação com mais detalhes em Mochel (2023a).

O comunicado, recebido pelas participantes com “aleluia”, “amém”, “sim senhora, minha pastora” e emojis que expressavam concordância, também apresentava regras para a boa convivência no grupo. Entre elas, a pastora solicitava a participação das mulheres na realização de campanhas e respostas aos pedidos de oração de integrantes, apoio nos Chás e Conferências organizados através dos grupos e, ainda, que as participantes evitassem interrompê-la ou desviar o assunto em momentos dedicados a orações de campanhas e comunicados importantes compartilhados por ela e seu marido no grupo.

Se o aspecto de ubiquidade na onipresença reforça vigilâncias, as interlocutoras desta pesquisa também indicaram a potencialização da vida religiosa para aquilo que consideram mais “reais” em sua relação com Deus. Nas formas como duas delas descreveram suas escolhas em fazer parte do Ministério, os usos do celular e das redes sociais diferenciavam relações estabelecidas com a pastora no “privado”<sup>17</sup> como mais “reais” que relações com outras lideranças, sobretudo aquelas estabelecidas com pastores que não praticam aquilo que pregam em suas igrejas. Suas interpretações da realidade enquanto franqueza e autenticidade, características centrais à autoridade religiosa no pentecostalismo, apontam para complexidades etnográficas das interações entre evangélicas(os) e diferentes mídias digitais que não se reduzem às apropriações de doutrinas e, por sua vez, vêm resignificando práticas religiosas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, indiquei caminhos ético-metodológicos tomados em uma etnografia realizada em grupos de oração exclusivamente integrados por mulheres evangélicas no aplicativo WhatsApp. Apresentei modos como a polissemia em torno da nomeação Ministério, Projeto e grupo apresenta esta mídia digital enquanto possibilidade de experimentar novas institucionalidades para carreiras pastorais e pertencimentos evangélicos na atualidade.

A centralidade dos usos do WhatsApp nas reconfigurações evangélicas contemporâneas foi explorada em três seções ao longo do texto. Na primeira, indiquei o WhatsApp como dispositivo religioso para o exercício da autoridade evangélica de Ministérios não-institucionalizados, engajando agenciamentos interdenominacionais e expandindo mercados religiosos informais. Na segunda, o WhatsApp se configura como campo da pesquisa etnográfica, possibilitando análises de elementos não verbais de

<sup>17</sup> Termo como costumam ser chamadas as trocas de mensagem feitas diretamente entre duas pessoas em aplicativos de mensagem.

comunicação e recursos sensoriais expansores de projetos metodológicos sobre e para o digital, além de reflexões sobre consentimento, posicionabilidade e condução da presença de quem pesquisa online.

Na última seção, por sua vez, destaquei o lugar ambivalente dos smartphones no cotidiano evangélico da batalha espiritual. Ao performarem pânico morais presentes nestes contextos, os celulares e outras tecnologias são transmutados em personagens perigosos, que devem ser contidos e permeados por regras que constituem os grupos de WhatsApp como institucionalidade para os múltiplos pertencimentos evangélicos mediados pelo digital. Assim, explorar os “grupos de oração” integrados por mulheres evangélicas conduziram aos caminhos imprevistos de uma etnografia sobre cotidianos religiosos formados por fluxos online e offline. Através deles, ressaltar para a importância de discutir sobre usos do WhatsApp a partir das mulheres evangélicas e seus cotidianos, buscando contribuir com nuances necessárias tanto aos debates ético-metodológicos quanto às discussões macropolíticas sobre conservadorismos no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Heloisa Buarque de. 2003. Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”. Bauru, SP: Anpocs/EDUSC.
- Alvarez, Sonia E. 2014. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 13-56, jul./dez.
- Birman, Patricia. 1996. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 6/7, p. 201-226.
- boyd, danah; Crawford, Kate. 2011. Six Provocations for Big Data. *A Decade in Internet Time: Symposium on the Dynamics of the Internet and Society, September 2011*. Oxford. [Anais...]. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=1926431>. Acesso em 18 jan. 2023.
- Cesarino, Leticia. 2020a. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*. n. 1, v. 1, p. 91-120, fev.
- Cesarino, Leticia. 2020b. As implicações da etnografia on-line. Webinar 4. Profa Leticia Cesarino. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (1h33min). Publicado pelo canal LAV – Laboratório de Antropologia Visual. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BnAbkT\\_ZA0g&t=1825s](https://www.youtube.com/watch?v=BnAbkT_ZA0g&t=1825s). Acesso em 22 jan. 2022.
- Coleman, Simon. 2018. Zonas fronteiriças: ética, etnografia e o cristianismo “repugnante”. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 19, n. 33, p. 271-312, jan./jul.
- Côrtes, Mariana. 2017. Diabo e fluoxetina: pentecostalismo e psiquiatria na gestão da diferença. Curitiba: Appris.
- Cunha, Magali do Nascimento. 2007. A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X; Instituto Mysterium.
- Das, Veena; Poole, Deborah. 2004. State and its margins: comparative ethnographies. In: Das, Veena; Poole, Deborah (ed.). *Anthropology in the margins of the State*. Santa Fe/Oxford, School of American Research Press/James Currey.
- Douglas, Mary. 2014. Pureza e perigo: ensaios sobre a noção de poluição e tabu. Editora Perspectiva: Rio de Janeiro.

- Ferguson, Rachael-Heath. 2017. Offline “stranger” and online lurker: methods for an ethnography of illicit transactions on the darknet. *Qualitative Research*, v. 17, n. 6, p. 683–69.
- Fonseca, Alexandre Brasil; Dias, Juliana (coord.). 2021. Caminhos da desinformação: evangélicos, fake news e WhatsApp no Brasil: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde.
- Foucault, Michel. 2010. Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). São Paulo; Rio de Janeiro: Centro Cultural; Achiamé.
- Harding, Susan. 1991. Representing fundamentalism: the problem of the repugnant cultural other. *Social Research*, v. 58, n. 2, p. 373-393.
- Latinobarómetro. 2018. Disponível em: [http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME\\_2018\\_LATINOBAROMETRO.pdf](http://www.latinobarometro.org/latdocs/INFORME_2018_LATINOBAROMETRO.pdf) Acesso em 23 jul. 2023.
- Latour, Bruno. 2002. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc.
- Lins, Beatriz Accioly. 2019. Caiu na rede: mulheres, tecnologias e direitos entre nudes e (possíveis) vazamentos. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Machado, Carly. 2013. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 13-36.
- Machado, Carly Barboza. 2020. Fazendo política em outros congressos: tramas religiosas, práticas midiáticas e a estética da política nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 20, n. 38, p. 19-59, ago./dez.
- Mafra, Clara. 2013. Números e narrativas. *Debates do Ner*, Porto Alegre, v. 2, n. 24, p. 13–25.
- Marcus, George. 1998. “Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography”. In: Marcus, George E. *Ethnography through Thick/Thin*. Princeton: Princeton University Press.
- Markham, Annette N.; Baym, Nancy K. 2009. Introduction: making smart choices on shifting ground. In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy K (ed.). *Internet inquiry: conversations about method*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.
- Miller, Daniel. 2021. A theory of a theory of the smartphone. *International Journal of Cultural Studies*, v. 24, n. 5, p. 860-876.
- Miller, Daniel; Horst, Heather (org.). 2012. *Digital Anthropology*. Londres: Berg.
- Miller, Daniel et al. 2016. *How the world changed social media*. Londres: UCL Press.
- Mochel, Lorena. 2023a. A fluidez da unção: raça, gênero e erotismos evangélicos nas materialidades de um Ministério digital. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- Mochel, Lorena. 2023b. Ministérios no WhatsApp: gênero, sensorialidades e transformações ético-políticas no cotidiano de mulheres evangélicas. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, n. 39, p. 1-24.
- Parreiras, Carolina. 2015. Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre a pornografia online. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Parreiras, Carolina; Castro, Barbara. 2020. Aula 3 - Minicurso Introdução às pesquisas em/dos/sobre contextos digitais: Teoria, método e ética. Transmitido ao vivo em 17 jun. 2020. 1 vídeo (2h05min). Publicado pelo canal IFCH Unicamp. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CDnWA\\_idOFI&t=2882s](https://www.youtube.com/watch?v=CDnWA_idOFI&t=2882s). Acesso em: 14 jan. 2023
- Pelúcio, Larissa. 2015. O amor em tempos de aplicativo: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais. In: Pelúcio, Larissa; Pait, Heloisa; Sabatine, Thiago (org.) *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume Queer.

- Ramos, Luciana de Oliveira et. al. 2023. O uso do Facebook como ferramenta de campanha eleitoral [recurso eletrônico]: estudo a partir do gênero, raça e perfil socioeconômico das candidaturas à Câmara Federal por São Paulo nas eleições de 2022. São Paulo: FGV Direito SP.
- Sanchis, Pierre. 1994. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 37, p. 145-182.
- Sant'ana, Raquel. 2017. A Nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade "evangélica" a partir da Marcha para Jesus. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Silva, Sandra Rubia da. 2015. A religião dos celulares: consumo de tecnologia como expressão de fé entre evangélicos e umbandistas. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 110-128, set./dez.
- Strathern, Marilyn. 2014. Partes e todos: reconfigurando relações em um mundo pós-plural. In: Strathern, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- Taru, Josiah. 2019. Mobile Apps and Religious Processes Among Pentecostal-Charismatic Christians in Zimbabwe. In: Fewkes, Jaqueline (org). *Anthropological perspectives on the religious uses of mobile apps*. Cham: Palgrave Macmillan
- Van de Kamp, Linda. 2012. Pentecostalismo brasileiro, "macumba" e mulheres urbanas em Moçambique. In: Oro, Ari Pedro; Steil, Carlos Alberto; Rickli, João (org.) *Transnacionalização religiosa: fluxos e redes*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 59-76.

**Lorena Mochel** é Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ) e Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio. Atualmente é Pós-doutoranda no Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, financiada com Bolsa FAPERJ Nota 10. É também Pesquisadora Associada ao Laboratório Etnográfico de Estudos Tecnológicos e Digitais (LETEC/ USP) e integrante do Núcleo de Estudos em Corpos, Gêneros e Sexualidades (NUSEX/ MN/ UFRJ) e do Grupo de Pesquisa CORRE: Experimentações etnográficas em territórios urbanos (PPGCS/ UFRJ). E-mail: lorimochel@gmail.com

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 15/10/2023

Aprovado em: 15/02/2024